

Vulcânico PaLavrador

UMA ELEGIA A ANTÓNIO ARAGÃO

António Barros

Para "O VULCÂNICO PALAVRADOR", de AB, essa "Elegia" a AA Como se possível fosse enunciar o lamento

Rui Torres

O que é uma elegia? Um triste lamento, sob a forma de poema? Um luto, um canto triste? Uma nostalgia, uma ontologia do ser que se perscruta? Uma escatologia, uma pedagogia com que se sonha? Ou uma teologia, uma magia que nos encanta?

De «Algias, NostAlgias», sabe António Barros (AB), titulada atitude (1980) com que procurou esse texto-vida com que nos vai desassossegando.

PalavraDor, por isso, mais um desses vocábulos férteis com que AB vai inquietando, sinal expressivo do potencial crítico e criativo da linguagem, em suas mãos: Palavra que Lavra a Dor. Como em Lástima (2014), também: Palavra como Lava. Lava desse vulcânico ser que agora aqui convoca. Em elegia, longo poema vida.

Em recente depoimento sobre António Aragão (AA), por mim solicitado, registei a dificuldade de AB em delinear esse "perfil (im)possível", a sua tentação para procurar antes o «silêncio [como] um depoimento elevado. Modo nobre de sublinhar o silêncio a que o autor foi votado»... Dele acabou nascendo um (n)ÃO feroz, homenagem elegiaca

a AA, esse «aturado orientador», para AB «Família». E «Ovo». Da Lucidez.

Não e ão, pois, os monossilabos convocados por AB para dialogar: ecos de uma linguagem na qual se dissolve a autoridade, pela qual se libertam as vozes, as vozes submersas dos mortos, as vozes submersas dos mortos que urge matar outra vez, como diria Herberto Helder, em canto paralelo com Raul Brandão. Uma Palavra Dor Não: ão ão. António Aragão, assim enunciado, por AB.

Estranhar Aragão, portanto, como elegia, com a nostalgia possível. Esse Autor maior da literatura e da arte portuguesas. Colando, montando, Aragão. Que é dizer: criando dispositivos de estranhamento, manipulando discursos, apropriando as línguas, os discursos, as identidades. Parodiando o real, AA. Nada escapava à ironia feroz de AA, lembra AB. Pioneiro em tantas artes, distorcendo-as sempre, através de rupturas, desfigurações. É por isso que NÂU (2014), por exemplo, essa atitude para o nosso país aFUNDado, retoma as oratórias, em pratos negros, para AA: o «vulcânico Palavrador»; o «Poeta e Dramaturgo»; o «PaLavrador de Palavra(s)»; o «pensador (...) afogado na sua lucidez»; o «(d)enunciador»; o «arejador da Arte»; o «mestre de humor»; o «convulsivo»; o «vertical poeta». Para António Aragão. António Barros dialoga. Embebida de procedimentos de intertextualidade e apropriação, a sua obra é fundamental para o entendimento, não apenas de Aragão, mas dos próprios processos de metamorfose e transformação na literatura. Um reconhecimento.

AB promove a literatura como tradução, transposição, interse-
miose, alargando fronteiras, convocando, nas suas artitudes,
sempre pedagógicas, o erigir de algo novo.

Há nas obras de AB, e nesta em particular, toda uma
condição política e ideológica flutuante. Sinaliza-se aqui,
em rodopio, esse processo de desfamiliarização indicado pela
própria obra pioneira de AA. Um processo de deslocação
do real: o seu propósito, o de alterar as formas automáticas
e automatizadas da nossa percepção.

Estamos, desta forma, perante uma verdadeira (ou genuína,
já que de verdades não se promove a obra de AB) poesis:
o poeta como criador, por transformação e diálogo, por alqui-
mia; o artista como esse oponente do mimético, nunca apenas
copiando o real: transformando-o.

Testemunha-se aqui essa heteroglossia de que falava Bakhtine,
um dialogismo implícito da textualidade; o discurso definido
pelo(s) seu(s) contexto(s), colocado em jogo pela multiplici-
dade de vozes e expressões, sociais e individuais. Aprendemos
com AB que não há, verdadeiramente, uma voz única, una, identi-
ficável, sequer. Há uma plenitude de significações; estamos
em permanente semiose, como diria Peirce.

Ao invés de um pretensu monólogo, AB admite, inscreve e apro-
pria esse ruído que persegue e acompanha uma visão dinâmica
da linguagem. Elegia como Carnaval, e não como luto:
celebração colectiva, dialogante, invertendo hierarquias,
aceitando contradições, integrando opostos, profanando e

dessacralizando, resistindo à unificação. Como esse eco,
latido feroz, de Aragão.

Além da metamorfose, uma reconfiguração de elementos. Um leitor
que se torna autor, ressignificando, diferindo, deferindo.
Como o escritor apontado por Barthes, aquele que «cumpre uma
função», por oposição ao escrevente, que cumpriria «uma acti-
vidade». Poeta, escritor dialogante, como ofício, para quem
«escrever [criar] é um verbo intransitivo», consciente
da(s) ambiguidade(s) que a sua fala inaugura, como pretendia
o autor dos Fragmentos de um discurso amoroso. Amor, sim.
Texto que se tece na dúvida, no t(r)emor, na resposta.
Mais uma vez com Bakhtine: texto predisposto para a resposta,
discurso vivo, diálogo vivo.

Diz mais uma vez Helder, mais uma vez a partir de Brandão:
«Tocamo-nos todos como as árvores de uma floresta / no inte-
rior da terra. Somos / um reflexo dos mortos, o mundo / não
é real. Para poder com isto e não morrer de espanto / - as
palavras, palavras.»

AB conseguiu, afinal, delinear esse perfil (im)possível de AA,
tinta estendida não num AO apenas, mas no ritual de quem ha-
bita a indisciplina. Poesia.

RUI TORRES

Berkeley, E.U.A.

26 de Abril de 2016

Vulcânico PaLavrador

Uma Elegia a António Aragão

MUDAS.Museu de Arte
Contemporânea da Madeira

Setembro 2021



Secretaria Regional
do Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura

TEXT O

António Barros
Rui Torres
António Aragão

IMAGEM

António Barros

INFOGRAFIA

Sérgio Brito
Catarina Pinto

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

P65-66 *"Enamoramento..."*

Fotografia: António Dantas

P70 *António Dantas*

Fotografia: Fernanda Martins

P70 *Vanessa [Barreirinha]*

Fotografia: António Dantas

P71 *"urGente" | Obra compósita*

Cortesia Raimundo Quintal

P76 *"Ora, Ora"*

Fotografia: Raúl Albuquerque

As outras imagens editadas

António Barros

ISBN

978-972-648-258-1

IMPRESSÃO

Greca, Artes Gráficas, Lda.

AGRADECIMENTOS

Augusta Villalobos; Márcia de Sousa;
Rui Torres; Isabel Santa Clara;
António Dantas; Marcos Correia;
Eduardo Jesus; Natércia Xavier;
Ana Teresa Klut; Sandra Nóbrega;
Ana Santos; João Curto; Laurindo R.
da Fonseca; Raúl Albuquerque; Sofia
Nobre; Fernanda Martins; Ben Vautier;
Ana Salgueiro; Raimundo Quintal;
Manoel Barbosa; Pedro Pestana;
Carlos Valente; Ana Santos; Sérgio
Brito; Catarina Pinto; Eduardo Jesus;
MUDAS.Museu de Arte Contemporânea
da Madeira; Museu da Quinta das
Cruzes; Círculo de Artes Plásticas
de Coimbra; Museu da Água de
Coimbra; Fundação Bienal de
Cerveira.